

## A resistência toma iniciativa

Publicação: [O Mundo em Português Nº 54](#)

Data de Publicação: Março 2004

Autor: George Joffé

Lenta mas inexoravelmente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha vão perdendo a iniciativa no Iraque. As forças americanas já estão em declínio, antecipando a entrega da soberania, nos finais de Junho, enquanto as britânicas já estão reduzidas a menos de metade do efectivo que tinham há um ano, quando o conflito começou. Em redor de Bagdad e no norte, os soldados estrangeiros estão também a ser deslocados, e os Estados Unidos transferem as suas tropas para campos novos e mais facilmente defendidos, fora das áreas urbanas, em preparação para as mudanças que ocorrerão dentro de quatro meses.

Simultaneamente, no entanto, a resistência armada alterou a sua tática e aumentou a sua actividade. O ponto mais baixo foi alcançado no final do ano passado, com 23 incidentes diários contra as forças americanas. Agora a frequência dos ataques aumentou e chegou mesmo a um extraordinário nível de mais de 70 num só dia, em meados de Fevereiro. Na mesma altura também mudou a natureza dos ataques, com as potentes explosões de carros armadilhados a substituírem os ataques nas estradas que tantos danos infligiram aos comboios americanos e com as novas forças de segurança iraquianas a serem o alvo preferencial, juntamente com outras forças estrangeiras.

Num ataque duplo em Hilla, em finais de Janeiro, duas pessoas morreram e mais de cem ficaram feridas, incluindo 58 soldados sob comando espanhol; mais de cem mortos resultaram de dois ataques suicidas simultâneos em Arbil e em Id al-Adha, no início de Fevereiro. Entretanto, ocorreram diversos ataques a esquadras de polícia, num centro de recrutamento do exército e a um grupo de trabalhadores mesmo ao lado do quartel-general em Bagdad. Até ao momento, já morreram 540 americanos desde o final oficial das hostilidades, a 1 de Maio de 2003 – e, claro, a procura de armas de destruição maciça foi abandonada.

## A entrega de soberania

Estas alterações acompanharam a imensa confusão que rodeia o que acontecerá após a entrega da soberania. Apesar de Paul Bremmer, o administrador americano da Autoridade Provisória da Coligação, ter afirmado claramente que a data para a transferência de soberania é imutável, também admitiu que o formato da devolução ainda não está bem definido. E no entanto, segundo o acordo que celebrou com o Conselho Governativo em Novembro, essa decisão deve ser tomada até ao fim de Fevereiro!

A incerteza tem como causa a recusa do ayatollah al-Sistani, o líder xiita moderado de Najaf nascido no Irão, em aceitar o plano americano para a transferência de soberania. Segundo esse plano, assembleias em cada uma das 18 províncias do Iraque deveriam escolher delegados a uma assembleia constitucional em Bagdad, que teria como funções nomear um governo interino e aprovar uma constituição, num processo que levaria, 18 meses mais tarde, à realização de eleições. O ayatollah exigiu eleições antes da transferência de soberania, organizadas com base nas listas de cartões de racionamento elaboradas pelo antigo regime para o programa petróleo-por-alimentos, argumentando que os Estados Unidos tinham declarado que invadiam o Iraque para libertar a sua população e que deveriam, conseqüentemente, apoiar uma escolha popular livre de um futuro governo.

Com grande embaraço, Washington foi forçada a pedir a intervenção das Nações Unidas para resolver a disputa – o ayatollah recusou encontrar-se com um representante americano e os membros xiitas do Conselho Governativo que foram autorizados a comparecer ao encontro não foram capazes de fazer com que a posição fosse alterada. Kofi Annan encarregou, relutantemente, Lakhdar Brahimi de investigar a questão. Brahimi concluiu, provisoriamente, que não será possível organizar eleições, mas também não apoiou a iniciativa Americana – e nem o ayatollah deverá apoiar as suas propostas, nem os americanos deverão adiar a passagem de soberania. Mais se saberá durante a grande festa xiita do Ashoura, pois aí o ayatollah poderá revelar os seus planos, usando manifestações de massas para forçar os americanos a aderirem aos seus planos. O Conselho Governativo, que não conseguiu propriamente ganhar o respeito público nem agradar aos americanos, propôs que o seu mandato fosse alargado de forma a poder redigir a constituição e aceitar a transferência de poderes, apesar de Ahmed Chalabi, o «delegado do Pentágono no Conselho, sempre pronto a acompanhar as mudanças do vento, ter sugerido que o ayatollah poderia estar certo!

Esta confusão de planos e a escassez de tempo começa a criar um sentimento de crise que a resistência está claramente disposta a explorar.

#### Os objectivos da resistência

A resistência, ainda com mais força no norte do Iraque, está ao corrente da confusão reinante em Bagdad e parece determinada a explorá-la, apesar das cada vez mais irrealistas afirmações do Conselho Governativo de que se trata dos «restos desesperados» do antigo regime. A natureza da resistência é confusa como sempre o foi, com fontes americanas a apontarem para uma cada vez maior presença estrangeira, citando uma carta interceptada a um simpatizante jordano da al-Qaida, enquanto o Conselho Governativo insiste em considerar que no centro da resistência estão os antigos membros do Baas, sob a liderança de Izzat Ibrahim ad-Duri. A mudança de tácticas descrita parece indicar que a intelligence americana pode ser mais correcta, mas também é certo que ainda existem muitos sunitas, não necessariamente antigos membros do Baas, que estão prontos a actuar.

Certo é que a resistência pretende alcançar dois objectivos. Primeiro, pretende demonstrar que as novas forças policiais e militares iraquianas não têm capacidade para garantir a segurança a um novo governo, não porque queiram que o americanos permaneçam no país mas porque desejam destruir todas as tentativas dos Estados Unidos para reconstruir o Iraque. Se querem ou não transformar o Iraque numa nova frente da guerra entre a al-Qa'ida's e os Estados Unidos não é muito claro, mas há indícios que tal poderá ser o caso. O segundo objectivo é fomentar uma guerra civil no Iraque e aqui a sua agenda começa a dar frutos, com a ajuda não intencional dos americanos.

Os Estados Unidos reconheceram tardiamente o imenso problema que as várias milícias causarão no Iraque depois da transferência de soberania, apesar das novas autoridades iraquianas terem pedido a Washington que continue a garantir a segurança através dos 65.000 homens que se espera que permaneçam no país. Às milícias peshmerga curdas foi concedido, no ano passado, um estatuto de autonomia, quando os americanos tentaram pela primeira vez suprimir as milícias. Não era suposto que a Brigada al-Badr Brigade, dirigida pelo ayatollah al-Hakim's, do Conselho Supremo da Revolução Islâmica no Iraque, fosse tolerada mas, depois da morte do próprio ayatollah na explosão de um carro armadilhado em Najaf, em Agosto, os pedidos para a sua dissolução esmoreceram. Depois, ainda existem as milícias de Muqtada as-Sadr! Os americanos estão agora a tentar dissolver estas forças, com as objecções dos políticos

com elas relacionados, para que sejam absorvidas ou substituídas pelo novo e ainda destreinado exército iraquiano.

#### Perspectivas deprimentes

È óbvio que tal não acontecerá, e os americanos nem sequer podem pressionar em excesso, pois correm o risco de perturbar os seus próprios planos. Por outro lado, os xiitas e os curdos não vão abandonar os seus contraditórios objectivos. Os curdos querem manter a autonomia ou mesmo alcançar a independência, bem como anexar Kirkuk e o seu petróleo ao Curdistão. Os xiitas, por seu lado, querem um Estado unitário onde dominariam, como deveria ter sucedido desde 1920, dada a sua superioridade demográfica. E os sunitas? Querem dominar novamente o Estado, mesmo sendo uma minoria, e, perante o seu papel na resistência, podem bem frustrar os planos de todos os outros. Tudo isto era perfeitamente previsível e foi, de facto, previsto. As forças invasoras e os seus líderes, com uma mistura de arrogância e ignorância, não ouviram e fizeram poucos planos para a etapa posterior à invasão. Os neoconservadores que dominam o Pentágono parecem ter ingenuamente acreditado que os iraquianos os receberiam de braços abertos e que adeririam à visão democrática americana. Ao contrário, encontram-se agora confrontados com um caldeirão étnico e religioso que não parecem saber como acalmar e a sua falta de preparação cria uma atmosfera fatal de deriva e de incerteza. Resta saber que solução será desenhado nos poucos dias que restam – e se poderá ser posta em prática com sucesso.